



Artesanato na América Latina: relações dos saberes e fazeres tradicionais com a sustentabilidade local

Handicrafts in Latin America: the relationship between traditional know- how and local sustainability

Nadja Maria Mourão¹,

¹Universidade do Estado de Minas Gerais, Doutorado, nadjamourao@gmail.com

Resumo. Este artigo apresenta alguns exemplos de artesanatos tradicionais em comunidades da América Latina e suas relações com a preservação ambiental local. Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, em revisão bibliográfica. São apresentados exemplos de produção artesanal das comunidades do Chile, do Peru e do Brasil, dos estados da Amazônia, do Maranhão e Minas Gerais. Fez-se um recorte sobre a utilização de fibras vegetais e técnicas artesanais. A utilização das fibras das palmeiras de Tucum, Arumã são comuns na Floresta Amazônica, como o Buriti é comum no cerrado. As fibras de totora e da chambira são utilizadas em comunidades do Peru, e das espécies Ñocha e Chupón, são aplicadas em artesanato nas regiões montanhosas do Chile. As comunidades tradicionais são guardiãs dos territórios que, por meio das técnicas artesanais, buscam preservar os biomas locais.

Palavras-chave. Artesanato; América Latina; Sustentabilidade local.

Abstract. This article presents some examples of traditional crafts in Latin American communities and their relationship with local environmental preservation. It is a descriptive qualitative study based on a bibliographical review. It presents examples of handicraft production in communities in Chile, Peru and Brazil, in the states of Amazonia, Maranhão and Minas Gerais. They focus on the use of plant fibers and craft techniques. The use of Tucum and Arumã palm fibers is common in the Amazon rainforest, as is Buriti in the Cerrado. The fibers of totora and chambira are used in communities in Peru, and the Ñocha and Chupón species are used in handicrafts in the mountainous regions of Chile. Traditional communities are guardians of their territories and, through craft techniques, seek to preserve local biomes.

Keywords: Handicrafts; Latin America; Local sustainability.



1 Introdução

O artesanato tradicional exerce um papel essencial na preservação da identidade cultural de comunidades locais, assim como na conservação ambiental. A utilização de fibras vegetais na confecção de artefatos utilitários e decorativos evidencia a estreita relação entre saberes tradicionais e práticas sustentáveis, promovendo a integração entre cultura e meio ambiente. Este estudo tem como objetivo analisar, por meio de revisão bibliográfica, de que forma tais processos produtivos contribuem para a proteção dos recursos naturais e da biodiversidade, ao mesmo tempo em que fortalecem a economia local. Busca-se, ainda, compreender os impactos dessa atividade na valorização dos conhecimentos ancestrais e no estímulo a práticas de manejo sustentável dos ecossistemas.

Etimologicamente, a palavra “artesanato” deriva do prefixo latino *artis* e do sufixo *manus*, significando, literalmente, “arte com as mãos” (Chiti, 2003). Este trabalho adota a linha de pensamento de Borges (2011), segundo o qual o artesanato constitui uma atividade amplamente difundida no Brasil e em diversos países da América Latina, caracterizando-se pela produção não seriada de objetos, frequentemente envolvendo o trabalho manual de familiares e membros da comunidade local. No artesanato tradicional, os saberes são transmitidos de geração em geração, incorporando influências históricas, sociais e culturais. Borges (2011) destaca que, para a UNESCO (1997):

Artesanato, aquele confeccionado por artesãos que seja totalmente à mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como componente mais substancial do produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com o uso de matérias primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social (Unesco, 1997 apud, Borges, 2011, p.21).

Para os povos originais o artesanato se constitui como uma prática essencial para a cultura e o aprimoramento da vida cotidiana. A produção de artefatos e adornos deve atender a necessidades funcionais e simbólicas, desempenhando um papel fundamental na organização social, nas expressões culturais e na identidade coletiva. Esses objetos, além de utilitários, carregam significados estéticos e rituais, evidenciando a estreita relação entre a materialidade e a cultura em diferentes períodos históricos. Destaca-se que os povos originais habitavam territórios específicos antes da colonização. O termo reconhece a condição de “primeiros habitantes” e valoriza os direitos históricos e territoriais, além de respeitar a autonomia identitária desses grupos. Ele também está alinhado a perspectivas de direitos humanos, autodeterminação e pluralidade cultural, sem uma carga pejorativa ou hierárquica. De acordo com a Convenção nº 169 da OIT, considera-se ‘povos indígenas e tribais’, “aqueles que descendem de populações que habitavam o país ou uma região geográfica à época da conquista ou colonização, mantendo total ou parcialmente suas instituições sociais, econômicas, culturais e políticas próprias” (OIT, 1989, p. 1).



Este artigo apresenta alguns exemplos de artesanatos tradicionais em comunidades da América Latina e suas relações com a preservação ambiental local. Os países que formam este recorte continental na América do Sul, são: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela. Na América Central, os países pertencentes são: Costa Rica, Cuba, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, República Dominicana. Na América do Norte, somente o México pertence ao conjunto de países Latino-Americano.

Em breves relatos deste trabalho, apresentam-se alguns exemplos de artesanato com espécies vegetais dos biomas locais, em comunidades do Chile, do Peru, da Amazônia Brasileira, de comunidades do estado no Maranhão – Brasil, de comunidade do Estado de Minas Gerais – Brasil. No mapa 1, destacam-se a localização dos países citados neste artigo e algumas áreas das comunidades citadas.

Mapa 1 – Países da América Latina e destaques dos países citados no artigo.



Fonte: uol.com.br. (Legendas do autor, 2025).

Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa “Saberes e fazeres manuais: diversidade em comunidades da América Latina para preservação das memórias culturais e sustentabilidade local”. A pesquisa é uma iniciativa coletiva de pesquisadores vinculados a diversas instituições acadêmicas, em cursos relacionados ao design, articulados por meio de parcerias entre grupos e linhas de pesquisa do CNPq (Grupo de Estudos em Design, Comunidades, Tecnologias Sociais e Iniciativas Sustentáveis – DECTESIS; e Design, Identidade e Território). Sob uma abordagem qualitativa e pelo viés do Design para a Sustentabilidade, este artigo apresenta alguns exemplos de produção artesanal com



espécies vegetais locais, desenvolvida por comunidades indígenas, quilombolas, entre outras, com base em revisão bibliográfica e em acessos pontuais a essas comunidades.

2 Metodologia

A investigação deste estudo foi realizada por meio de revisão bibliográfica, buscando referências sobre o artesanato tradicional e sua relação com a preservação ambiental, em uma pesquisa de natureza qualitativa. De acordo com Godoy (1995, p. 58), a pesquisa qualitativa “envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos [...]”.

O levantamento bibliográfico foi realizado mediante consultas ao Google Acadêmico, à Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal (Redalyc), entre outros periódicos, além de publicações e relatórios produzidos por pesquisadores da área. Utilizou-se as palavras chaves: artesanato tradicional, América Latina, comunidades tradicionais, produção artesanal com espécies vegetais, entre outras.

A pesquisa de registros das espécies vegetais foi conduzida com base em orientação técnica (professores, biólogos, técnicos que atuam em instituições de preservação ambiental, entre outros), permitindo o compartilhamento dos conteúdos entre os pesquisadores envolvidos. Foram analisadas fontes acadêmicas e registros etnográficos — observações voltadas à compreensão dos modos de vida — que descrevem o uso de fibras vegetais na produção artesanal em diferentes regiões da América Latina. O recorte geográfico contemplado neste artigo abrange o artesanato com espécies vegetais em algumas comunidades do Chile, Peru e Brasil, considerando, neste último, as regiões da Amazônia, Maranhão e Minas Gerais.

As informações foram sistematizadas para subsidiar análises, produção de conteúdos informativos, relatórios e artigos acadêmicos. Pretende-se dar continuidade à proposta por meio de trabalhos de campo junto às comunidades — fontes inesgotáveis de conhecimento —, aguardando-se o incentivo de recursos provenientes de agências de fomento e parceiros institucionais.

3 Alguns biomas e o artesanato em regiões da América Latina

A América Latina é um território vasto e diverso, abrigando uma grande variedade de biomas que influenciam diretamente a cultura e o modo de vida de suas populações. Desde a Floresta Amazônica, o Cerrado e o Pantanal até a Caatinga, os Andes e a Patagônia, cada bioma apresenta características únicas que moldam as tradições artesanais das comunidades locais.

O artesanato, enquanto expressão cultural e atividade econômica, constitui-se de forma intrínseca aos recursos naturais de cada região, de acordo com as possibilidades oferecidas pelas espécies vegetais dos respectivos biomas. Materiais como fibras vegetais, argila, madeira, pedras e corantes naturais são utilizados por diferentes civilizações desde



períodos remotos até a atualidade. A produção artesanal transmite o conhecimento tradicional e a relação das comunidades com o meio ambiente, contribuindo para a preservação dos biomas locais.

A seguir, apresentam-se alguns exemplos organizados em subtemas:

3.1. Comunidades do Chile e a produção artesanal com fibras vegetais

O Chile possui um território singular, com aproximadamente 4.300 quilômetros de extensão e, em média, 175 km de largura, o que confere ao país grande diversidade de condições naturais e culturais. De acordo com estudos do Banco Mundial, em 2023 o Chile contava com cerca de 19,66 milhões de habitantes, grande parte concentrada nas regiões centrais, especialmente nos arredores da capital, Santiago.

Vieira e Gusmão (2011) relatam que o Chile ocupa uma faixa longa e estreita no Cone Sul, ao longo da costa oeste da América do Sul, fazendo fronteira terrestre com a Argentina, a leste; com a Bolívia, a nordeste; com o Peru, ao norte; e com o Oceano Pacífico, a oeste.

O território chileno abrange ainda diversos arquipélagos e ilhas oceânicas, como a Ilha de Páscoa, o Arquipélago Juan Fernández e as Ilhas Desventuradas. A diversidade ambiental se manifesta em toda a sua extensão, desde o Deserto do Atacama — o mais seco do mundo — até o extremo sul, onde predomina o clima polar da Zona Austral (porção chilena da Patagônia). A flora chilena inclui cactos e gramíneas no Vale Central, florestas de araucárias pré-históricas, estepes austrais e sequóias andinas. A população chilena, majoritariamente urbana, era estimada em 17,1 milhões de habitantes, segundo Reyes (2019). Quanto à composição étnica, Vieira e Gusmão (2011, p. 5) destacam que:

O Chile possui uma sociedade cultural e etnicamente homogênea, em que a maior parte da população é mestiça ou de origem europeia [...]. Segundo o Censo de 2002, apenas 4,6% da população pertence a grupos étnicos indígenas. Os mapuches são o maior grupo, com cerca de 4% da população, enquanto aimarás, quéchuas, yámanas e outros representam menos de 1%.

O artesanato com fibras vegetais no Chile, assim como em outros países da América Latina, resulta de técnicas transmitidas entre gerações, refletindo o conhecimento tradicional sobre o manejo sustentável dos recursos naturais. Para isso, a coleta das plantas deve ocorrer de forma controlada, respeitando os ciclos de crescimento para garantir a preservação das espécies. Iniciativas de valorização do artesanato local e o incentivo ao turismo têm promovido o reconhecimento dessas práticas, proporcionando às comunidades uma fonte alternativa de renda e fortalecendo sua cultura (Vieira; Gusmão, 2011).

Diversas comunidades chilenas trabalham com fibras vegetais na produção artesanal de objetos utilitários e decorativos. Destacam-se, entre essas comunidades, os povos indígenas Mapuche, Aymara e Rapa Nui. Segundo Bennewitz (2009), os Mapuche são o maior grupo indígena do país e acreditam que, nos vulcões ativos das cordilheiras,



habitam os *Pillanes*, espíritos dos vulcões e encarnações de antepassados importantes de cada linhagem.

As comunidades aimarás também são expressivas, ocupando o altiplano, que se estende por uma vasta área em torno do Lago Titicaca (Bolívia), do Norte Grande do Chile e do noroeste da Argentina. Os Rapa Nui, por sua vez, são os nativos polinésios da Ilha de Páscoa, situada no Oceano Pacífico e pertencente ao Chile.

Entre os materiais mais utilizados nessas comunidades, conforme Garcia et al. (2015), destacam-se:

- *Ñocha (Eryngium paniculatum)*: planta nativa usada por comunidades Mapuche na confecção de cestos, esteiras e acessórios. O trançado da ñocha é uma das práticas mais tradicionais do sul do Chile.
- *Chupón (Greigia sphacelata)*: fibras extraídas dessa bromélia são utilizadas na cestaria mapuche, especialmente na região de La Araucanía.
- *Totorá (Schoenoplectus californicus)*: espécie de junco muito presente em zonas lacustres e costeiras, amplamente utilizada pelos Aymara no norte do Chile para a fabricação de barcos, cestos e tapetes.
- Palha de trigo (*Triticum aestivum* L.) e junco (*Cyperus ferax*): materiais comuns na zona central do país, empregados na confecção de chapéus, bolsas e peças decorativas.

Apresentam-se, a seguir, alguns exemplos de produtos artesanais elaborados com espécies vegetais nativas, desenvolvidos com técnicas tradicionais pelas comunidades. A fibra da ñocha, por exemplo, é aplicada em diversos modelos de cestos. Em uma atividade relatada por Maldonado et al. (2024), o trançado tradicional pode ser observado no modelo de cestaria Mapuche.

Entre o povo Mapuche Lafquenche, que habita Puerto Saavedra e a área costeira do lago Budi, na região da Araucanía, mantém-se a tradição de confeccionar *pilwas*, bolsas típicas de seu artesanato (Rocha, s.d.). Segundo o autor, essas peças são culturalmente produzidas pela comunidade e utilizadas principalmente para o transporte de alimentos e no cotidiano local. O material utilizado na confecção das *pilwas* é a fibra de chupón, planta nativa da região.

Na figura 1, são apresentadas imagens do artesanato Mapuche, ñocha e pilwas e cestos Junquilo, de junco Totorá, de comunidades de Chiloé.



Figura 1 - Trançado da ñocha e pilwas, bolsas típicas do seu artesanato Mapuche; cestaria Junquilo, das comunidades da ilha Chiloé, Chile.



Fonte: Respectivamente, Maldonado et al. (2024); site Marcachile.cl.; Olea e Vicuña (2020).

O artesanato com fibras vegetais no Chile representa uma fusão entre tradição e sustentabilidade. As técnicas ancestrais de tecelagem e trançado continuam vivas nas mãos dos povos indígenas e artesãos, destacando-se como um patrimônio cultural essencial para a identidade das comunidades.

3.2. Território do Peru e o artesanato de povos indígenas

O Peru está localizado na costa oeste da América do Sul, banhado pelo Oceano Pacífico Sul, entre o Chile e o Equador. Além disso, faz fronteira com a Colômbia, o Brasil e a Bolívia. Conforme estudo do Banco Mundial (2023), a população do Peru era de aproximadamente 33,28 milhões de habitantes, dos quais cerca de 28 milhões possuem origem multiétnica.

De acordo com o site do MapBiomias — Rede Colaborativa de Cocriadores formada por ONGs, universidades e empresas de tecnologia, organizados por biomas e temas transversais — a bacia amazônica peruana cobre 75% do território nacional (96,6 mil km²) e compreende o bioma Amazônia (80% da bacia) e o bioma Andes (20%). A Amazônia peruana passa por mudanças aceleradas, destacando-se um aumento de 61% na área utilizada para atividades agrícolas (26.000 km²), um crescimento de 5,8 vezes na área destinada à mineração (624 km²) e um aumento de 2,8 vezes na área para infraestrutura urbana (478 km²).

A região montanhosa do Peru é caracterizada por vegetação alpina, composta por pequenos arbustos, gramíneas e estepes. O deserto costeiro estende-se ao longo da costa do Pacífico até o sopé da Cordilheira dos Andes. Considerando a trajetória do território, as montanhas possuem forte simbolismo, sendo associadas por diferentes civilizações a temas essenciais em suas culturas (Hamilton; Mcmillan, 2004).

O país é dividido em três regiões geográficas: as planícies costeiras ocidentais, conhecidas como Costa; a Selva, que corresponde às terras baixas da floresta amazônica; e a Sierra, formada pelas montanhas dos Andes. Na divisa com a Bolívia, a 3.821 metros



acima do nível do mar, localiza-se o lago Titicaca, o lago navegável mais alto do mundo (Vela Ocaña, 2006).

Nos Andes, em Cusco, a tradição da tapeçaria andina é amplamente preservada em tecelagens que remontam à época dos incas. As técnicas tradicionais resultam em mantas e ponchos confeccionados com lãs de alpaca e lhama, tingidas com cores vibrantes por corantes extraídos de plantas e minerais da região, repletas de símbolos ancestrais. Destaca-se também o uso da fibra de totora (*Schoenoplectus californicus*), planta aquática encontrada no lago Titicaca, empregada pelas comunidades locais na produção artesanal sustentável.

O artesanato com fibras vegetais, especialmente as oriundas de palmeiras, é uma prática ancestral presente em diversas tribos e aldeias indígenas do Peru, que utilizam folhas, talos e fibras extraídas de espécies nativas. Comunidades indígenas como os Shipibo-Conibo, Asháninka e Bora produzem uma ampla variedade de artefatos, tais como cestos e esteiras.

Essas peças, além de sua funcionalidade, carregam simbolismos culturais e representam a relação harmoniosa entre os povos indígenas e a natureza. Destaca-se, por exemplo, a aplicação de fibras vegetais nos produtos artesanais do povo Bora — aldeia localizada às margens do rio Momón, a nordeste da cidade de Iquitos, na Amazônia peruana — que utiliza a palmeira chambira (*Astrocaryum chambira*) para a produção de redes, cestos, entre outros objetos (Cotta, 2017; García et al., 2015). Na figura 2, são apresentadas imagens da palmeira Chambira e da aldeia dos Bora, no território da Amazônia Peruana (Indigenasbrasileros.blogspot.com).

Figura 2 - Imagem de barco de fibra de Totorá (1); Palmeira Chambira (2) e comunidade Bora: dança (3) e produção de cestaria (4).



Fonte: Inaturalist/ Railson Cruz, (2024), <https://www.inaturalist.org/observations/257548440> e <https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-editorial-bora-community-performing-dance-image61241663>.

O uso adequado dos recursos naturais da chambira, faz com que o artesanato com as fibras da espécie seja uma atividade econômica e ecológica, promovendo a valorização das práticas indígenas e incentivando a conservação do bioma.



3.3. Aldeias da Amazônia Brasileira e o artesanato de comunidades tradicionais

A Amazônia Brasileira é a maior região do Brasil em extensão territorial, abrangendo cerca de cinco milhões de quilômetros quadrados e englobando nove estados: Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Roraima, Rondônia e Tocantins. O Censo de 2022 revelou que a população indígena no Brasil é de 1.693.535 pessoas, sendo que mais da metade dessa população (51,2%) concentra-se na Amazônia Legal (IBGE, 2023).

Esse vasto território caracteriza-se por sua diversidade biológica, constituindo um dos biomas mais ricos e complexos do planeta. A densa floresta tropical amazônica é cortada por uma extensa rede hidrográfica, que inclui o rio Amazonas e seus afluentes (Souza, 2019). No entanto, o bioma enfrenta diversas ameaças, como o desmatamento, a exploração ilegal de recursos naturais e as mudanças climáticas, o que tem gerado preocupação em nível global.

Na flora da Amazônia, composta por milhares de espécies vegetais, destacam-se árvores de grande porte, como a seringueira (*Hevea brasiliensis*), a castanheira-do-pará (*Bertholletia excelsa* Bonpl.), além de palmeiras como o açaí-de-touceira (*Euterpe oleracea*), o tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), o buriti (*Mauritia flexuosa*) e espécies de sub-bosque, fundamentais para a manutenção do ecossistema (Nakazono, 2007).

As populações tradicionais, incluindo povos indígenas e comunidades ribeirinhas, mantêm uma relação intrínseca com a floresta amazônica, utilizando seus recursos de forma sustentável e contribuindo para sua conservação.

O artesanato com fibras vegetais desempenha papel fundamental na cultura das comunidades indígenas da Amazônia Brasileira. Em aldeias e comunidades espalhadas pela floresta, são utilizadas palhas, sementes e pigmentos naturais para a confecção de cestos, joias e diversos outros produtos artesanais. Espécies vegetais nativas, como arumã (*Ischnosiphon arouma*), buriti (*Mauritia flexuosa*), tucum (*Astrocaryum vulgare*) e jarina (*Phytelephas macrocarpa* Ruiz & Pav.), são empregadas na produção de vários objetos. Cestos, peneiras, esteiras, redes e adornos são confeccionados a partir de técnicas de trançado e tecelagem transmitidas de geração em geração (Nakazono, 2007).

Destacam-se, nesse contexto, etnias como os Baniwa, Tikuna, Tukano, Witoto e Yanomami, que utilizam fibras vegetais em suas produções artesanais, sobretudo em técnicas de cestaria e confecção de esteiras. O arumã, por exemplo, fornece uma fibra muito valorizada pelas etnias Tukano e Yanomami para a confecção de cestos e peneiras, devido à sua resistência e flexibilidade. O tucum e o caraná são fundamentais na produção de redes e cordas, enquanto a jarina, conhecida como “marfim vegetal”, é utilizada na produção de biojoias (Fernandes, 2010).

A região do alto e médio rio Negro é habitada há pelo menos 2.000 anos por um conjunto diverso de povos indígenas. Nessa região, convivem 22 povos que falam idiomas pertencentes a quatro famílias linguísticas distintas: Aruak, Maku, Tukano e Yanomami (Nakazono, 1998). É relevante destacar que “estes povos, além de falar línguas diferentes,



possuem tradições específicas e práticas de organização social peculiares, preservando suas etnias” (Barboza; Spink, 2001, p. 63).

Na Figura 3, são apresentadas imagens de mulheres Yanomami e de cestos com tampa, chamados *Motorohima*, além dos cestos *Xotehe* (mais baixos e abertos), produzidos principalmente por mulheres dessa etnia. Elas utilizam cipó-titica (*Heteropsis flexuosa* (H.B.K.) G.S. Bunting), de tom claro, combinado ao fungo (*Marasmius yanomami*), que confere aos grafismos um fio preto de brilho singular, de acordo com informações de Tucumbrasil.com (2020).

Na figura 3, são apresentadas as imagens das mulheres Yanomami e dos cestos com tampa chamado *Motorohima* e cestos *Xotehe* (que são mais baixo e aberto), produzido principalmente por mulheres Yanomami. Elas utilizam cipó-titica (*Heteropsis flexuosa* (H.B.K.) G.S. Bunting), em tom claro, ao fungo (*Marasmius yanomami*) semelhante a um fio preto com brilho singular, em os grafismos tradicionais, conforme Tucumbrasil.com (2020).

Figura 3 - Mulheres Yanomami da região Rio Negro e seus cestos.



Fonte: Tucumbrasil.com e FOIRN (2020).

As artesãs Yanomami coletam as matérias-primas de forma sustentável, demonstrando que é possível utilizar os recursos naturais para fins econômicos sem destruí-los. Elas desempenham múltiplos papéis em suas comunidades, atuando como artesãs, agricultoras, mães e integrantes de associações indígenas que defendem os direitos de seu povo (Foirn, 2020).

Destaca-se também a etnia Tukano, pertencente à família linguística Tukano Oriental, distribuída principalmente ao longo dos rios Tiquié, Papuri e Uaupés, bem como em áreas do rio Negro, abaixo da foz do Uaupés. Estudos etnográficos indicam que essa etnia apresenta mais de trinta subdivisões, cada uma com designação própria e organização social hierarquizada. Culturalmente, conforme o site Povos Indígenas no Brasil, os Tukano são reconhecidos pela fabricação tradicional de bancos rituais, esculpidos em madeira de sorva (*Couma* spp.), material leve e resistente. Esses bancos possuem assentos decorados com padrões geométricos que remetem aos desenhos presentes nos trançados



produzidos pela etnia, possuindo alto valor simbólico em cerimônias e rituais. Além disso, produzem cestarias, esteiras e outros objetos com fibras de arumã (*Ischnosiphon arouma*).

Na Figura 4, apresentam-se imagens de uma festividade do povo Tukano em aldeia próxima ao rio Uaupés, de um banco cerimonial de madeira, de cestos *Urupema* confeccionados com fibras de arumã e de brinquedos *pega-moça* — espécie de mini *tipiti* (prensa usada para extrair o caldo da mandioca), utilizados em rituais de iniciação, conforme Pereira (2021).

Figura 4 - Festa povo Tukano, um banco cerimonial de madeira; cestos de arumã e brinquedos pega-moça.



Fonte: Indigenasbrasileros.blogspot.com, projetoterra.org.br, Maniò e acervo da pesquisa.

Outro destaque é a utilização da palmeira tucum (*Astrocaryum vulgare*) na produção de redes e outros produtos artesanais. Diversos povos amazônicos utilizam essa espécie endêmica, cujas fibras, obtidas por conhecimento tradicional transmitido de geração em geração, resultam em fios resistentes para tecer redes, bolsas e outros artefatos.

Como exemplo, cita-se a comunidade extrativista Céu do Juruá (município de Ipixuna, próximo ao Acre). Estudos de Abreu e Nunes (2018) abordam o processo de confecção de fios a partir das folhas do tucum. O projeto “Linha do Tucum” (Figura 5) buscou resgatar e valorizar o artesanato caboclo na arte da fiação com tucum e outras palmeiras nativas da floresta amazônica. “Quando a palmeira é baixa corta-se a folha na altura do estipe com o auxílio de um facão, e quando é alta faz-se necessário subir numa árvore ao lado para cortar as folhas” (Abreu; Nunes, 2028, p.31). Algumas coletas são realizadas pelos homens, contudo, este projeto tem um foco especial no empoderamento de mulheres, oferecendo oportunidades de trabalho e geração de renda, além de promover o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos.



Figura 5 - Processo de produção do projeto “Linha do Tucum”, na comunidade de Juruá (Acre).



Fonte: RMS – Rede de Mobilização Social.

As biojoias representam importante expressão do artesanato sustentável amazônico, combinando tradição, conhecimento ecológico e inovação. Entre os principais materiais utilizados destaca-se a jarina (*Phytelephas macrocarpa*), uma semente dura e esbranquiçada, frequentemente chamada de “marfim vegetal” devido à sua semelhança com o marfim animal.

A palmeira jarina é endêmica do sudoeste e oeste da Amazônia. No Brasil, ocorre nos estados de Rondônia, Acre e Amazonas, além de países como Bolívia, Peru, Colômbia e Equador, chegando à América Central. Em território brasileiro, desenvolve-se espontaneamente em planícies de inundação, principalmente nas mais antigas, nos vales de rios de água branca, como Purus e Juruá e seus afluentes, formando extensos “jarinais” (Costa; Rodrigues; Hohn, 2006, p. 368).

Povos indígenas e comunidades que produzem biojoias com sementes de jarina incluem os Tikuna (Amazonas, Colômbia e Peru), os Kichwa ou Quíchua (Equador, Colômbia e Peru), os Warao (Venezuela e Amazônia) e comunidades ribeirinhas e cooperativas nos estados do Amazonas, Acre e Pará.

Além da jarina, destacam-se as sementes de açaí (*Euterpe oleracea*), amplamente utilizadas na produção de colares, pulseiras e brincos, e o falso-pau-brasil (*Adenanthera pavonina* L.), cuja coloração vibrante confere singularidade às peças. Os artesãos respeitam o ciclo natural das sementes e, para a confecção de biojoias e outros adornos, utilizam também fibras vegetais, como as da palmeira chambira (*Astrocaryum chambira*) e do tucum (*Astrocaryum vulgare*).

A figura 6 apresenta imagens da palmeira janira (*Phytelephas macrocarpa*), suas sementes beneficiadas para produção artesanal, pequenas esculturas de janira e exemplos de biojoais – produtos de comunidades amazonenses.



Figura 6 - Palmeira Janira, sementes, adornos e biojoias de janira, açaí e outras.



Fonte: Internet – Acervo da pesquisa.

As aldeias da Amazônia Brasileira detêm uma rica tradição artesanal baseada no uso sustentável de espécies vegetais nativas. O artesanato indígena, além de expressar cultura e identidade, constitui importante fonte de renda para muitas comunidades e contribui para a conservação da biodiversidade regional.

3.4. Comunidade de Barreirinhas – Artesanato de fibras vegetais no Maranhão

O Maranhão representa uma área de transição entre o Nordeste e a Região Amazônica, com aproximadamente 332 mil quilômetros quadrados de extensão. Está inserido entre três macrorregiões brasileiras: Nordeste, Norte e Centro-Oeste. Limita-se ao sudoeste e sul com o Tocantins, a oeste com o Pará e a leste com o Piauí (Araújo et al., 2011). O estado apresenta uma paisagem privilegiada, situada em zona de transição entre os biomas Cerrado, Amazônia e Caatinga, além de abrigar uma extensa área de manguezais. Destaca-se, ainda, a presença do deserto litorâneo de dunas que acumulam bolsões de água durante o período chuvoso, formando os Lençóis Maranhenses (Saraiva; Sawyer, 2007).

Pesquisas de instituições acadêmicas parceiras apresentam resultados relevantes para o bioma amazônico maranhense. Destacam-se, por exemplo, estudos sobre o uso de sementes ornamentais por grupos produtivos na comunidade de Maracanã (Santos, 2020) e sobre a aplicação da cinza de taquipé (*Triplaris* sp.) na produção de cerâmicas tradicionais pelas “Anas das Louças” (Miranda, 2020).

Diversas comunidades maranhenses desenvolvem o artesanato e a produção de adornos utilizando fibras variadas, especialmente as da palmeira buriti (*Mauritia flexuosa*). Um exemplo é a Associação das Artesãs dos Lençóis Maranhenses, localizada no povoado Marcelino, nas proximidades da cidade de Barreirinhas. O grupo é frequentemente objeto de estudos acadêmicos e, por isso, está habituado ao diálogo e à troca de saberes com visitantes. As artesãs explicam, aos turistas, todo o processo de preparo para a extração do chamado “linho do buriti” — processo semelhante ao da produção da linha de tucum pelas tribos amazônicas. Conforme figura 7, as fibras do buriti são amplamente empregadas na



confeção de bolsas e adornos, sendo tingidas com pigmentos naturais extraídos de plantas regionais (Mourão, 2020).

Figura 7: Processo de produção de bolsa com linho de buriti.



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Na cidade de Barreirinhas — próxima aos Lençóis Maranhenses — existem diversos grupos que trabalham com a fibra de buriti, alguns deles fortalecidos por projetos e cursos que qualificaram o trabalho das artesãs. Alguns grupos produzem objetos de crochê com o linho de buriti em cores e tonalidades diversificadas. Por se tratar de uma região turística, o comércio de bolsas, chapéus, adornos confeccionados com fibras de buriti e outros produtos artesanais mantém-se aquecido durante as temporadas de maior fluxo de visitantes (MOURÃO, 2020).

3.5. Comunidade de Serra das Araras: artesanato do Cerrado Mineiro

Minas Gerais, localizado na região Sudeste do Brasil, é o quarto maior estado do país em extensão territorial, com uma área de aproximadamente 586.521 km². Limita-se com os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul e o Distrito Federal, configurando-se como um importante ponto de conexão entre diferentes regiões do Brasil. O estado abriga uma grande diversidade ambiental, sendo caracterizado pela presença de três biomas distintos: Cerrado, Mata Atlântica e Caatinga. O Cerrado, predominante no norte e no oeste mineiro, destaca-se por sua vegetação adaptada ao clima seco e pela rica biodiversidade. A Mata Atlântica, presente no sul e na Zona da Mata, abriga ecossistemas de grande relevância ecológica e elevada umidade. Já a Caatinga, localizada no extremo norte do estado, apresenta vegetação resistente à seca, característica das regiões mais áridas de Minas Gerais (Mourão, 2011).

Neste tópico, apresenta-se uma comunidade do Cerrado mineiro, situada nas proximidades das divisas com Goiás e Bahia, na região do Vale do Urucuia, localizada no noroeste de Minas Gerais. Historicamente, o Vale do Urucuia está associado à literatura brasileira, especialmente à obra “Grande Sertão: Veredas”. Segundo Guimarães Rosa (1956), o sertão é “do tamanho do mundo”, referência ao caráter amplo e simbólico das terras mineiras, incluindo o Vale do Urucuia. As veredas correspondem a áreas de



vegetação com palmeiras, como o buriti (*Mauritia flexuosa*), que emergem em regiões alagadas (Embrapa, 2009).

Entre os municípios dessa região, destaca-se Chapada Gaúcha, com área aproximada de 3.300 km², reconhecida pela grande extensão de terras preservadas, pela importância na conservação ambiental e pelo desenvolvimento sustentável, incluindo o distrito de Serra das Araras (Salgado, 2010). Um exemplo do artesanato tradicional local é o trabalho desenvolvido pela Associação de Bordadeiras e Artesãs de Serra das Araras, formada por mulheres que transmitem, de geração em geração, técnicas de bordado e artesanato utilizando talos e folhas das palmeiras de buriti.

Na Figura 8, apresentam-se imagens da palmeira de buriti, da atuação das artesãs da Associação de Bordadeiras e Artesãs de Serra das Araras e de alguns produtos artesanais confeccionados com fibras.

Figura 8 – Palmeira de buriti, artesã de Serra das Araras e produtos artesanais confeccionados com fibras.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Das técnicas e materiais empregados, utilizam tecidos e linhas para confecção dos bordados, em bolsas, camisetas de malha e outros adornos. As artesãs aproveitam a palha e os talos de buriti para os demais objetos e molduras dos quadros com tecidos bordados dos buritis das paisagens, das aves e outros elementos culturais da região (Mourão, 2011).

Quando possível as artesãs utilizam outros recursos na produção artesanal, como as sementes da espécie Falso-Pau-Brasil (*Adenanthera pavonina* L.), Pau Santo (*Bursera graveolens*) e Pau Terra (*Qualea grandiflora*). Estas sementes podem ser encontradas em outras comunidades próximas à região, no entanto, não são cultivadas localmente, mas sempre trocadas por outros produtos entre as comunidades locais (Mourão, 2011).

3.6. Comunidades de Diamantina: artesanato dos Campos Rupestres de Minas Gerais

Os Campos de Altitude ou Campos Rupestres são ecossistemas marcados pela predominância de vegetação de pequeno porte, composta principalmente por ervas, arbustos dispersos e árvores esparsas. Apesar da baixa densidade de vegetação arbórea,



apresentam uma grande diversidade de espécies. Esses campos ocorrem nas regiões mais elevadas das Serras da Mantiqueira, do Espinhaço e da Canastra, no estado de Minas Gerais, conforme Coura (2007). Adota-se a descrição:

O sentido fisionômico campestre, ou campo, são referentes às áreas que tem o predomínio de espécies herbáceas e algumas arbustivas, faltando árvores na paisagem; já o termo Cerrado Rupestre refere-se à fisionomia savana, áreas com árvores e arbustos espalhados sobre um extrato de gramíneas, sem a formação de dossel contínuo (Gianotti, 2013, p.247).

Este estudo destaca a vegetação arbustiva presente na Serra do Espinhaço, localizada no Alto Jequitinhonha. Monteiro (2011) relata que a região se sobressai pelo elevado grau de endemismo vegetal, abrigando cerca de 80% das espécies de flores sempre-vivas registradas no Brasil. Além disso, essa área constitui um importante refúgio para a biodiversidade, concentrando aproximadamente 40% das espécies de plantas ameaçadas de extinção em Minas Gerais.

A Chapada Diamantina, o Jalapão, a Chapada dos Veadeiros, as Serras do Espinhaço e a Serra do Cipó são algumas das localidades brasileiras reconhecidas pela abundância de espécies de sempre-vivas, as quais ocorrem também em outras poucas regiões, desde o litoral até o alto das serras (CODECEX, 2019).

As flores sempre-vivas, pertencentes à família Eriocaulaceae, são facilmente identificáveis pela presença de uma roseta de folhas na base da planta, geralmente dispostas em espiral, com uma haste central. Em algumas espécies, como a *jazida* (*Comanthera vernonioides*), essas hastes — denominadas escapos — podem se desenvolver tanto a partir do caule principal quanto de ramos laterais. Em outras espécies, como o capim-dourado (*Syngonanthus nitens*) e a sempre-viva-pé-de-ouro (*Comanthera elegans* (Bong.) L.R. Parra & Giul.), as hastes se destacam pela forma e brilho característicos. As flores dessas plantas são extremamente pequenas, medindo apenas um a dois milímetros de comprimento (CODECEX, 2019).

As comunidades Apanhadoras de Flores Sempre-vivas mantêm um Sistema Agrícola Tradicional (SAT), que envolve um modo de vida sustentável, baseado em profundo conhecimento sobre o bioma nativo e seu manejo. Esse saber ancestral foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO/ONU) como parte dos Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial (SIPAM), tornando essa prática a primeira do Brasil e a quarta da América Latina a receber tal reconhecimento.

Na Figura 10, apresentam-se imagens de uma das espécies de sempre-vivas — a margaridinha (*Comanthera elegans* (Bong.) L.R. Parra & Giul.) — e de alguns produtos artesanais desenvolvidos por artesãs da região de Diamantina, coletoras de sempre-vivas.



Figura 10 - Sempre-viva Margaridinha (*Comanthera elegans* (Bong.) L.R. Parra & Giul.), atuação das coletoras de sempre-vivas e o artesanato local.



Fonte: Acervo da Pesquisa.

A maior quantidade das espécies ornamentais colhidas destina-se ao mercado externo, inclusive atravessadores. Há um investimento de instituições parceiras, para promover a produção artesanal com as sempre-vivas. Contudo, é um caminho a ser percorrido para que o reconhecimento das espécies para a região de Diamantina se destaque como as cerâmicas do Vale do Jequitinhonha (Mourão, 2022).

4 Análise e resultados em práticas artesanais tradicionais e a natureza

O conhecimento acerca da biodiversidade e de seus recursos naturais tem origem na formação cultural das populações originárias de cada região. Esses saberes tradicionais, acumulados ao longo de gerações, são preservados e transmitidos por meio de práticas socioculturais, constituindo-se em fonte essencial de informações para a compreensão e o manejo sustentável dos biomas da América Latina.

As fibras de espécies vegetais vêm sendo pesquisadas há algum tempo, com o objetivo de promover o manejo sustentável de diferentes espécies — como palmeiras, cipós, arbustos e árvores — por comunidades tradicionais. Diversas pesquisas, com foco na preservação dos biomas locais, indicam que a utilização de talos, folhas e sementes, em regime de manejo sustentável, contribui para a conservação das espécies nativas (Mourão, 2011; Santos, 2020; Miranda, 2020). Assim, o território e seus biomas tornam-se de extrema relevância para o equilíbrio ambiental global, exigindo esforços permanentes para sua proteção e manejo responsável.

A diversidade de fibras vegetais utilizadas pelas comunidades indígenas chilenas — como a ñocha (*Eryngium paniculatum*), o chupón (*Greigia sphacelata*), a totora (*Schoenoplectus californicus*) e o junco (*Cyperus ferax*) — revela a existência de saberes tradicionais aplicados aos recursos naturais locais. Desse modo, o artesanato dessas comunidades expressa identidades, crenças e modos de vida, perpetuados por meio das práticas manuais e da valorização do território.

No quadro 1, de acordo com os exemplos apresentados neste artigo, são apresentadas algumas das espécies vegetais de destaque nas comunidades, seus nomes científicos e tipos de artesanatos executados.



Quadro 1 – Algumas espécies vegetais citadas e tipos de produção artesanal.

TERRITÓRIO DO CHILE: Andino (Região Norte)			
NOME POPULAR DA ESPECIE VEGETAL	NOME CIENTÍFICO	TIPO DE PRODUTO ARTESANAL	POVOS
ÑOCHA	<i>Eryngium paniculatum</i>	Cestos, esteiras e acessórios	Mapuche
CHUPÓN	<i>Greigia sphacelata</i>	Confecção de bolsas (pliwas)	Mapuche e Totora (povo Totora é uma localidade a leste de Cochabamba, que também é o nome de uma planta).
TERRITÓRIO DO PERU: Floresta Amazônica			
TOTORA (planta aquática encontrada no Lago Titicaca)	<i>Schoenoplectus californicus</i>	Cestaria, esteiras e outros	Uru-Muratos, Shipibo- Conibo, Asháninka e Bora
CHAMBIRA	<i>Astrocaryum chambira</i>	Redes, cestos e outros	Bora e povo Totora
TERRITÓRIO DO ESTADO DA AMAZONIA - BRASIL: Floresta Amazônica			
ARUMÃ	<i>Punica granatum L.</i>	Cestos, esteiras e outros	Baniwa, Tikuna, Tukano, Witoto e Yanomami
TUCUM	<i>Astrocaryum vulgare</i>	Cestos, peneiras, esteiras, redes, etc.	Céu do Juruá (no município de Ipixuna, próxima ao Acre)
JANIRA	<i>Phytelephas macrocarpa</i> Ruiz & Pav.	Biojoias, adornos, entre outros	Tikuna (Amazonas, Colômbia e Peru), os Kichwa ou Quíchua (Equador, Colômbia e Peru), os Warao (Venezuela e Amazônia) e também as comunidades ribeirinhas e cooperativas amazônicas (Amazonas, Acre e Pará).
TERRITÓRIO DO MARANHÃO – BRASIL: Cerrado/Floresta Amazônica			
BURITI	<i>Mauritia flexuosa</i>	Fibra das folhas da palmeira e demais partes da espécie.	Barreirinhas, Marcelo e outras tantas do estado.



TERRITÓRIO DE MINAS GERAIS – BRASIL: Cerrado			
BURITI	<i>Mauritia flexuosa</i>	Fibra das folhas da palmeira e demais partes da espécie.	Serra das Araras e demais comunidades do Vale do Urucuia.
TERRITÓRIO DE MINAS GERAIS – BRASIL: Campos Rupestres			
JAZIDA	<i>Comanthera vernonioides</i>	Arranjos de flores e adornos em geral	Artesãs e coletoras de sempre-vivas da região de Diamantina – MG

Fonte: Elaborado pelo autor.

Esta tabela apresenta um recorte da pesquisa, considerando algumas das espécies vegetais que são utilizadas para a produção artesanal por comunidades dos biomas da América Latina, citadas neste trabalho.

Observou-se que espécies vegetais como a totora (*Schoenoplectus californicus*) e a palmeira chambira (*Astrocaryum chambira*) desempenham um papel fundamental nas práticas artesanais tradicionais das comunidades indígenas andinas e amazônicas do Peru.

Da mesma forma, espécies como o arumã (*Punica granatum* L.), o tucum (*Astrocaryum vulgare*), o cipó-titica (*Heteropsis flexuosa*) e a jarina (*Phytelephas macrocarpa*) evidenciam o profundo vínculo entre os povos da floresta e o ecossistema em que vivem, transformando esses recursos em artesanato e biojoias por meio de técnicas ancestrais, como se observa entre os Yanomami, Tukano, Tikuna e outras etnias. O artesanato amazônico afirma-se como uma poderosa expressão de identidade, resistência e equilíbrio entre cultura e natureza.

Verificou-se, inclusive que as áreas de Cerrado, tanto no Maranhão quanto em Minas Gerais, sofrem com a redução da vegetação nativa, em razão da seca prolongada e do desmatamento crescente. Esse fenômeno está diretamente relacionado à expansão das fronteiras agrícolas, à especulação imobiliária e às atividades mineradoras, especialmente em território mineiro. Espécies vegetais como o buriti (*Mauritia flexuosa*) são amplamente utilizadas na produção artesanal, como se observa em comunidades do Maranhão — a exemplo da cidade de Barreirinhas e do povoado Marcelino —, bem como no Cerrado mineiro, na comunidade de Serra das Araras, no Vale do Urucuia. Os tipos de produção artesanal diferem em cada comunidade; entretanto, a sustentabilidade local é uma característica comum entre elas.

A prática da coleta de flores sempre-vivas constitui uma tradição nos campos rupestres do Cerrado e representa uma fonte essencial de sustento para muitas famílias, garantindo a continuidade de seus modos de vida.



5 Considerações Finais

O artesanato tradicional das comunidades da América Latina reflete um saber ecológico acumulado ao longo de gerações. O uso de fibras vegetais na produção artesanal não apenas fortalece a identidade cultural e gera subsistência para os grupos locais, mas também desempenha um papel essencial na preservação da biodiversidade. A continuidade dessas práticas depende de políticas públicas que incentivem o uso sustentável dos recursos naturais e valorizem o conhecimento tradicional dessas populações.

As comunidades analisadas demonstram um forte conhecimento sobre os materiais naturais disponíveis em seus territórios. A conexão entre biomas e artesanato também reforça a importância da sustentabilidade e da preservação ambiental. Muitas iniciativas de artesanato comunitário buscam equilibrar a exploração dos recursos naturais com a conservação dos ecossistemas, promovendo o uso responsável dos materiais e valorizando as técnicas tradicionais.

A Amazônia representa a maior floresta tropical do planeta e uma das últimas fronteiras científicas no que se refere ao conhecimento sobre seus recursos naturais. A elevada biodiversidade presente nesse bioma, ainda pouco explorado, tem despertado um interesse crescente na comunidade científica. Pesquisas conduzidas na região evidenciam a escassez de informações sobre áreas distantes dos grandes centros urbanos, embora as estimativas apontem para uma riqueza biológica excepcional, com a constante descrição de novas espécies pela ciência.

Assim, o artesanato na América Latina se revela não apenas como uma expressão estética e cultural, mas também como um elo entre o homem e a natureza, demonstrando como os diferentes biomas influenciam as práticas artísticas e a identidade das populações locais.

6 Referências

ABREU, Regina; NUNES, Nina Lys. Tecendo a tradição e valorizando o conhecimento tradicional na Amazônia: o caso da “linha do Tucum”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 15-43, jul./dez. 2012.

ARAÚJO, E. P.; LOPES, J. R.; CARVALHO FILHO, R. Aspectos socioeconômicos e de evolução do desmatamento na Amazônia maranhense. In: MARTINS, M.; B.; OLIVEIRA, T. G. de (Org.). **Amazônia maranhense: diversidade e conservação**. Belém: MPEG, 2011.

BANCO MUNDIAL (WORLDBANK.ORG). **Indicadores de Desenvolvimento Mundial (WDI)**. Disponível em: <https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/>. Acesso em: 06 abr. 2025.

BARBOZA, Hélio Batista; SPINK, Peter (org.). **20 experiências de gestão pública e Cidadania**. São Paulo: Gestão Pública e Cidadania, 2001.



BENNEWITZ, Rual Morris Von. **Plateria Mapuche**. Editorial Kactus, 1992.

BORGES, Adélia. **Design+Artesanato**. São Paulo: Terceiro Nome, 201.

CHITI, Jorge Fernández. **Artesania, Folklore y Arte Popular**. Buenos Aires: Ediciones Condorhuasi, 2003.

CODECEX - Comissão em Defesa dos Direitos das Comunidades Extrativistas. **Plano de ação para conservação dinâmica do sistema agrícola, tradicional na Serra do Espinhaço Meridional, Minas Gerais (Brasil)**. Dez./2019.

COSTA, Marcondes Lima da Costa; RODRIGUES, Suyanne Flávia Santos; Hohn, Helmut. Jarina: o marfim das biojóias da Amazônia. *Geociências*. **REM: R. Esc. Minas**, Ouro Preto, 59(4): 367-371, out. dez. 2006.

COTTA, J. N. Revisiting Bora fallow agroforestry in the Peruvian Amazon: Enriching ethnobotanical appraisals of non-timber products through household income quantification. **Agroforestry Systems**, [S. l.], v. 91, n. 1, p. 17–36, 2017.

COURA, Samuel Martins da Costa. **Mapeamento de vegetação do Estado de Minas Gerais utilizando dados Modis**. Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto). /INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São Jose dos Campos, 2007.

EMBRAPA CERRADOS. **Embrapa Relatório PAC: investindo no conhecimento**. Embrapa, Secretaria-Executiva do PAC Embrapa. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2009.

FERNANDES, Vera Froes[et al.]. **Linha do Tucum: artesanato da Amazônia**. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura Amazônica, 2010.

FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro. **Associação das Mulheres Yanomami realiza a primeira assembleia em Maturacá**. Postado em: 28 jun. 2016. Disponível em: <https://foirn.wordpress.com/2016/06/28/associacao-das-mulheres-yanomami-realiza-a-primeira-assembleia-em-maturaca/>

GARCÍA, N., GALEANO, G., MESA, L., CASTAÑO, N., BALSLEV, H., & BERNAL, R. et al. Management of the palm *Astrocaryum chambira* Burret (Arecaceae) in northwest Amazon. **Acta Botanica Brasilica**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 45–57, 2015.

GIANOTTI, André Rodrigues da C.; SOUZA, Maria José H. de; MACHADO, Evandro Luiz M.; PEREIRA, Israel M.; VIEIRA, Arthur D.; MAGALHÃES, Mariana Rodrigues. Análise microclimática em duas fitofisionomias do Cerrado no Alto Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v.28, n.3, 246 -256, 2013.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONÇALVES, Jussemir Weiss. O desenvolvimento do artesanato e a criação da cidadania na Grécia. **Biblos**, Rio Grande, 23 (2): 189-196, 2009.



HAMILTON, L.; MCMILLAN, L. (Ed.). **Guidelines for planning and managing mountain protected areas**. Gland, Switzerland: International Union for Conservation of Nature, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **CENSO Demográfico 2022**: população residente, total e indígena, por localização do domicílio e quesito de declaração indígena nos Censos Demográficos: primeiros resultados do universo. In: IBGE. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática. Rio de Janeiro, [2023].

INDIGENASBRASILEIROS.BLOGSPOT.COM. **Tukano**. Postado em: 02 jan. 2016. Disponível em: <https://indigenasbrasileiros.blogspot.com/2016/01/tukano.html>. Acesso em: 02 abr. 2025.

MALDONADO, Fabiola; ARJONA, Ángeles; JOHNSON, Daniel. **Revitalización lingüística: diseño, implementación y evaluación de un programa de intervención para jóvenes mapuche**. Revista Interciencia. Vol. 49, Nº 8, Ago. 2024.

MANIÒ. Moda e Decoração - **Tukano**. Disponível em: <https://www.manio.com.br/collections/tukano>. Acesso em: 02 abr. 2025.

MAPBIOMAS - Rede colaborativa de cocriadores formado por ONGs, universidades e empresas de tecnologia organizados por biomas e temas transversais. **Peru**. Disponível em: <https://peru.mapbiomas.org/>. Acesso em: 02 abr. 2025.

MARCACHILE.CL. **10 peças de artesanato para conhecer o Chile de norte a sul**. Postado em: 18 mar. 2022. Disponível em: <https://www.marcachile.cl/pt/10-piezas-de-artesania-para-conocer-chile-de-norte-a-sur/>. Acesso em: 02 abr. 2025.

MIRANDA, Samuel da Silva. **A tradição do punhado**: avaliação da incorporação da cinza de taquipé (*Triplaris sp.*) em argila vermelha na produção artesanal. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade Federal do Maranhão - UFMA, São Luís, 2020.

MONTEIRO, Fernanda Testa. **Os (As) Apanhadores (As) de Flores e o Parque Nacional Das Sempre-Vivas (MG)**: travessias e contradições ambientais. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

MOURÃO, Nadjia Maria. Biomas, Espécies Vegetais e Design: Estudos para produção artesanal em comunidades de Minas Gerais. **Contemporânea**- Contemporary Journal, 2(7): 1630-1649, 2022.

_____. **Relatório da Pesquisa “Sustentabilidade na produção artesanal com resíduos vegetais da Amazônia Maranhense”**. Pós-doutado em Design, São Luis, UFMA-PPGDg, 2020.

_____. **Sustentabilidade na produção artesanal com resíduos vegetais**: uma aplicação prática de design sistêmico no Cerrado Mineiro. (Dissertação) Mestrado em Design. UEMG, Belo Horizonte, 2011.

NAKAZONO, Erika Matsuno. **O empreendimento local do artesanato em fibras vegetais, Amazônia Brasileira**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2007.



_____. **Povos indígenas do alto e médio Rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira.** FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro. ISA - Instituto Socioambiental, MEC - Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

OLEA, Celina Rodríguez; VICUÑA, María Isabel Cerda. **“Cunquillos” y “Totoras”:** Fibras utilizadas para la Cestería Tradicional Chilota. Fondo Nacional de Desarrollo Cultural y Las Artes, Línea de Artesanía; Convocatoria, 2020.

OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TRABALHO. **Convenção nº 169 sobre Povos Indígenas e Tribais.** Genebra: OIT, 1989. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/convencoes/WCMS_229644/lang--pt/index.htm. Acesso em: 15 jul. 2025.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. **Práticas corporais indígenas:** jogos, brincadeiras e lutas para implementação da lei 11.645/08 na Educação Física Escolar. Fortaleza: Aliás, 2021.

POVOS INDIGENAS NO BRASIL. **Tukano.** Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tukano>. Acesso em: 02 abr. 2025.

PROJETOTERRA.ORG.BR. **Banco Tukano Kumurõ 100 cm + Livro.** Disponível em: <https://projetoterra.org.br/produtos/banco-tukano-kumuro-100-cm-livro/>. Acesso em: 02 abr. 2025.

REYES, A. A.; et. al. Identidad étnica mapuche e imaginarios sociales del bienestar en la región del Biobío, Chile. **Psicologia & Sociedade.** Vol. 31, p. 1-18. Belo Horizonte, 2019.

RIBEIRO, R. F. **Florestas Anãs do Sertão:** O Cerrado na História de Minas Gerais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RMS – Rede de Mobilização Social. **Projeto Linha do Tucum:** Artesanato Amazônico. Postado em 22 mar. 2011. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/mobilizacaosocial/5550636762/in/photostream/>. Acesso em: 02 abr. 2025.

ROCHA, Jessica Aires da Silva, et al. **Representações culturais dos índios Mapuches do Chile em produtos de moda.** Disponível em: https://web.archive.org/web/20180508101432id_/http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=2422&path%5B%5D=1546. Acesso em: 02 abr. 2025.

SALGADO, C.L. **A prática educativa e o Desenvolvimento Territorial:** um estudo de caso no município de Chapada Gaúcha, MG. Dissertação de mestrado Unb: Brasília. DF. 2010.

SANTOS, Tayomara Santos dos. **Correspondências por meio de sementes:** saberes, sustentabilidade e produção artesanal. Dissertação (Mestrado em Design) Universidade Federal do Maranhão - UFMA, São Luis, 2020.



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_

X SDS 2025 - Sustainable Design Symposium

**3 a 5
DEZ
2025**

São Luís - MA



SARAIVA, Nicholas Allain; SAWYER, Donald R. **Análise do potencial econômico e socioambiental do artesanato do Buriti em comunidades tradicionais nos Lençóis Maranhenses**. In: VII Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica. Fortaleza, 2007.

SCHWARTZ, Jorge. Abaixo Tordesilhas! **Periódico Estudos Avançados**, SciELO Brasil, no. 7, vol. 17, 1993.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI, 1ª edição, Rio de Janeiro, Record, 2019.

TUCUM.BRASIL.COM. **Cestaria Yanomami**: o encontro dos saberes tradicionais e científicos. 2020. Disponível em: <https://site.tucumbrasil.com/cestaria-yanomami-o-encontro-dos-saberes-tradicionais-e-cientificos/>. Acesso em: 02 abr. 2025.

UNESCO. General Conference. **Conférence générale, vingt-neuvième session, Paris, 1997**: guide. Unesdoc Digital Library. Paris, 1997.

UOL.COM.BR. Mundo Educação. **Mapa da América Latina**. <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/america-latina-1.htm>. Acesso: 07 de abr. 2025.

VELA OCAÑA, Wuili Roberto. **Formação e estruturação do campo organizacional da indústria pesqueira em Callao, Peru**. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, Florianópolis, 2006.

VIEIRA, Luiz Alfredo Mello; GUSMÃ, Luiz Antonio. **Chile**. Biblioteca do Cidadão. Série Diplomacia ao alcance de todos. Thesaurus Editora de Brasília, Brasília, 2011.